



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

CAMILA MARIA DE SOUSA LEITE

**AS METODOLOGIAS DE ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA
INFORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA OS RECURSOS IMAGÉTICOS DO
CREMEC VISANDO À RECONSTRUÇÃO DE SUA MEMÓRIA INSTITUCIONAL**

**FORTALEZA
2017**

CAMILA MARIA DE SOUSA LEITE

AS METODOLOGIAS DE ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO:
CONTRIBUIÇÕES PARA OS RECURSOS IMAGÉTICOS DO CREMEC VISANDO À
RECONSTRUÇÃO DE SUA MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Monografia apresentada ao Curso de
Biblioteconomia da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Ma. Odete Máyra
Mesquita Sales.

FORTALEZA
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

L551c Leite, Camila Maria de Sousa.

As metodologias de organização e representação da informação: contribuições para os recursos imagéticos do CREMEC visando à reconstrução de sua memória institucional. / Camila Maria de Sousa Leite. – Fortaleza: 2017.
50 f.: il. color.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências da Informação, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Ma. Odete Máyra Mesquita Sales.

1. Organização da informação. 2. Representação da informação. 3. Fotografia. 4. Memória institucional. 5. Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará I. Sales, Odete Máyra Mesquita. II. Título.

CDD 020

CAMILA MARIA DE SOUSA LEITE

AS METODOLOGIAS DE ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO:
CONTRIBUIÇÕES PARA OS RECURSOS IMAGÉTICOS DO CREMEC VISANDO À
RECONSTRUÇÃO DE SUA MEMÓRIA INSTITUCIONAL

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: ___/___/ 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Odete Máyra Mesquita Sales (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Ma. Maria Áurea Montenegro A. Guerra (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Bibliotecária Esp. Regina Lúcia Freitas Holanda (Membro)
Conselho Regional de Medicina do Ceará (CREMEC)

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento em primeiro lugar aos meus pais Henriqueta e Edmundo e à minha avó Cândida, pelo incentivo e apoio.

Agradeço ao João Yuri, companheiro nas conquistas e desafios dessa trajetória.

Quero agradecer também ao meu irmão, primos e demais familiares pelas contribuições.

Minha gratidão aos amigos conquistados durante esta caminhada, parceiros de formação e de vida.

Agradeço a todos os professores e orientadores de estágio pelos ensinamentos indispensáveis à minha formação profissional.

Sou grata também à minha orientadora Profa. Máyra Sales pelas indicações e correções.

Meu agradecimento aos membros da banca examinadora, Profa. Áurea Montenegro e à bibliotecária Regina Holanda pela disponibilidade de participar e pelas contribuições pessoais acerca da monografia.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha história acadêmica, muito obrigada.

RESUMO

Investiga como as metodologias de organização e representação da informação podem contribuir para o tratamento adequado dos recursos imagéticos de um acervo, possibilitando a reconstrução de uma memória institucional. O estudo é feito através da análise dos aspectos teóricos da fotografia, da memória e das metodologias de representação da informação e do estudo do acervo do Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará (CREMEC). Dessa maneira, a pesquisa possui caráter exploratório e descritivo, baseado em revisão de literatura, os instrumentos de coleta de dados são entrevista e formulário e a análise desses dados é qualitativa. Analisa o total de aproximadamente 3.500 imagens disponíveis no acervo e constata que existe um trabalho de representação do material fotográfico produzido pela instituição, porém algumas medidas podem ser tomadas a fim de aperfeiçoar esse trabalho e para isso, sugerimos a elaboração de uma linguagem documentária que atenda às necessidades da instituição, por meio um roteiro de descrição a ser aplicado nas fotografias do acervo histórico do CREMEC.

Palavras-chave: Organização da Informação. Representação da informação. Fotografia. Memória institucional. Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará.

ABSTRACT

Investigates how methodologies of organization and representation of information can contribute to the adequate treatment of the imagery resources of a collection, enabling the reconstruction of an institutional memory. The study is made through the analysis of theoretical aspects of photography, memory and the methodologies of information representation and the study of the collection of the Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará (CREMEC). Thus, this research has an exploratory and descriptive aspects, based on literature review, the data collection instrument is the interview and the form, with a qualitative data analysis. Analyzes a total of approximately 3.500 available photographs in the collection and verify that there is a work of representation of the photographic material produced by the institution, however some measures can be taken to perfect this work and, or this, we suggest the elaboration of a documentary language that meets the needs of the institution, through a description roadmap to be applied in the photographs of the CREMEC historical collection.

Keywords: Organization of information. Representation of information. Photography. Institutional memory. Conselho Regional de Medicina do Estado do Ceará.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de aplicação do Modelo de Smit.....	26
Figura 2 – Exemplo de aplicação do Modelo de Manini.....	27
Figura 3 – Armário.....	35
Figura 4 – Pastas suspensas.....	35
Figura 5 – Sacos plásticos.....	36
Figura 6 – Fotografia 1: Solenidade de entrega de certificado de especialidade.....	38
Figura 7 – Fotografia 2: Confraternização de páscoa.....	39
Figura 8 – Fotografia 3: Posse da gestão de conselheiros 2013-2018.....	40
Figura 9 – Fotografia 4: Antiga sede do CREMEC.....	42
Figura 10 – Fotografia 5: Atual sede do CREMEC.....	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Proposta de Smit (1996)	25
Quadro 2 – Proposta de Manini (2002)	27
Quadro 3 – Ficha documental de Padilha e Café (2014)	28
Quadro 4 – Proposta de análise documental para acervo imagético do CREMEC.....	29
Quadro 5 – Análise da Fotografia 1.....	39
Quadro 6 – Análise da Fotografia 2.....	40
Quadro 7 – Análise da Fotografia 3.....	41
Quadro 8 – Análise da Fotografia 4.....	42
Quadro 9 – Análise da Fotografia 5.....	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A FOTOGRAFIA ENQUANTO ELEMENTO DA MEMÓRIA.....	13
3	METODOLOGIAS DE ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DE ACERVOS FOTOGRÁFICOS.....	19
4	METODOLOGIA.....	31
5	A REPRESENTAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO CREMEC: DESENVOLVIMENTO EMPÍRICO DA PESQUISA E RESULTADOS.....	34
6	CONCLUSÃO.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA	49
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	50

1 INTRODUÇÃO

Nossos antepassados há muito tempo já se dedicavam à preservação de suas memórias individuais, pois, como seres capazes de nos comunicarmos por intermédio da linguagem, sentimos a necessidade de conservar e compartilhar com nossos semelhantes nossas ideias, sentimentos ou momentos através de diferentes signos, tais como gestos, sons ou imagens.

Além de nossas histórias pessoais, através de memórias individuais, a trajetória de uma instituição também pode ser contada mediante o resgate de suas lembranças institucionais. A reconstrução de uma memória corporativa aspira à reconstituição de histórias e lembranças vividas por colaboradores e ex-colaboradores, parceiros e clientes – internos e externos – de uma empresa ao longo de seus anos de atuação.

Para que essas histórias sejam contadas de maneira genuína, há que se valer de conteúdos que narrem esse percurso, dentre os quais podemos citar os depoimentos de quem construiu ou presenciou essa trajetória ou, ainda, os objetos iconográficos, impressos, audiovisuais e materiais imagéticos, que prestam grande contribuição nessa jornada, rememorando e ilustrando lembranças com poder de representação e sensibilização até mesmo para quem não as vivenciou.

A imagem fotográfica mantém-se como um meio de expressão e comunicação bastante usado. Desse modo, destacamos também a importância desse material como elemento essencial na reconstrução de memórias e como documento merecedor de cuidados especiais com relação a seus métodos de representação, devido às particularidades de seus suportes e linguagens, a fim de proporcionar uma recuperação da informação satisfatória, resultando no resgate de suas memórias.

O interesse pelos materiais fotográficos deu-se por meio de uma experiência de estágio, onde tive a oportunidade de atuar em um projeto com o objetivo de reconstruir uma memória institucional e, durante esse período, percebi um campo de atuação do bibliotecário, surgindo, posteriormente, a motivação para uma pesquisa de monografia para conclusão do curso de Biblioteconomia.

Durante essa prática de estágio, compreendi que, dentre todas as evidências coletadas para compor o acervo do memorial – tais como, atas, troféus, livros, reportagens, entre outras –, nenhuma contava melhor a história da instituição, e causava mais comoções e lembranças, do que as imagens quando devidamente identificadas e contextualizadas.

Em outra experiência de estágio, agora no Conselho Regional de Medicina do

Estado do Ceará (CREMEC), pude observar que o acervo fotográfico da instituição necessitava de metodologias que possibilitassem uma melhor representação de seu conteúdo, pois a capacidade de recuperação das informações era limitada quando se realizava uma busca no acervo.

A partir desse contexto, surgiu a seguinte questão: de que modo os métodos de organização e representação da informação, dados aos recursos imagéticos de um acervo, podem influenciar na reconstrução de uma memória institucional?

Apoiada no conhecimento adquirido no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em relação à organização e tratamento da informação, e entendendo como sendo um assunto de elevada importância para os profissionais da área, um aprofundamento no assunto mostrou-se necessário. Para isso, usamos como cenário do nosso estudo o CREMEC, que narra quase seis décadas de história através, dentre outros instrumentos, do seu acervo imagético, contando com aproximadamente 3.500 fotografias.

Partindo do problema apresentado, definimos como objetivo geral desta pesquisa: compreender como as metodologias de organização e representação da informação podem contribuir para o tratamento adequado dos recursos imagéticos do acervo do CREMEC, possibilitando, assim, a reconstrução de sua memória institucional.

Com o propósito de esmiuçar o tema, consideramos os seguintes objetivos específicos:

- a) Investigar, na literatura científica, os aspectos teóricos da fotografia e da memória, bem como as metodologias de organização e representação de documentos imagéticos;
- b) Identificar as condições de conservação e preservação do acervo de fotografias do CREMEC e
- c) Apresentar, com base nas metodologias estudadas, um roteiro de descrição a ser aplicado às fotografias do acervo histórico do CREMEC.

Os métodos utilizados para a realização do processamento técnico do acervo fotográfico do CREMEC, que ajudarão a reconstruir e desenvolver a identidade da instituição, possibilitando a sua conservação e preservação, são estudados por entendermos o valor da contribuição da organização e tratamento da informação, visando a sua utilização por parte dos usuários do sistema.

Para atingir esses objetivos, a metodologia adotada configura-se como sendo de caráter exploratório-descritivo e de cunho qualitativo, fundamentada em revisão bibliográfica, a fim de dar um melhor embasamento teórico à pesquisa.

A presente pesquisa está organizada em seis capítulos. A introdução traz explicações acerca do objeto de estudo, expondo o problema de pesquisa, os objetivos, a metodologia e o esboço do trabalho.

Buscamos atender ao primeiro objetivo através do exposto no referencial teórico apresentado nos segundo e terceiro capítulos, onde abordamos a relação entre a fotografia e a memória, mais especificamente, sobre como a fotografia pode influenciar na reconstrução de uma memória institucional, e as metodologias de organização e representação da informação de acervos fotográficos, mostrando sua importância na análise documental de imagens.

No quarto capítulo descrevemos os caminhos, os elementos da pesquisa, os instrumentos de coleta e as técnicas de análise dos dados. No quinto capítulo expomos a análise dos dados, apresentando um modelo de representação para o acervo fotográfico do CREMEC. Por fim, no sexto capítulo, conclusão resgata os objetivos pontuados na introdução e averigua o atendimento de todos ao longo da pesquisa.

2 A FOTOGRAFIA ENQUANTO ELEMENTO DA MEMÓRIA

As imagens fotográficas, independentemente do suporte, podem contar suas próprias histórias, comover e reavivar lembranças com poder de impacto provavelmente maior do que qualquer outro tipo de material. Nesse contexto, Kossoy (2001, p. 100) observa que isso é possível porque “estamos envolvidos afetivamente com os conteúdos dessas imagens; elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos”. O autor comenta ainda que “essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares” (KOSSOY, 2001, p. 100).

Ainda segundo Kossoy (2001, p. 45),

Toda fotografia tem atrás de si uma história [...]. Em primeiro lugar, houve uma intenção para que ela existisse; [...] o segundo estágio [é] o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia [...]. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia [...].

Com relação ao conceito de imagem, Morais (2015) percebe que a imagem expressa na fotografia é colocada em destaque como o reflexo da imagem visual que é perceptível aos olhos, ao afirmar que

[...] como objetos visuais que, estando vinculadas sempre à capacidade humana de perceber e interpretar [simbólica, metafórica e mentalmente], indicarão a natureza real dos materiais (objetos) e a representação dele na mente ou na forma de artefatos imagéticos. Além do mais, também faz-se necessário diferenciar a realidade material das coisas tidas no popular como de "carne e osso" e a ilusão que podemos criar, segundo nossa capacidade cognitiva de algo que não existe, num dado presente momento. Ou seja, quando observamos um objeto, vemos a sua imagem, e mesmo em outra situação, da qual não conhecemos esse objeto, podemos através da mente supor, com base no nosso repertório, a imagem do mesmo (MORAIS, 2015, p. 21).

Corroborando, Laplantine e Trindade (1997, p. 10) destacam que as imagens “[...] são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nossos pensamentos são sempre de natureza perceptiva”. Essa ponderação retoma a noção de que uma das nossas faculdades é a de evidenciar a existência das coisas e dos objetos, além disso, Laplantine e Trindade (1997) contextualizam as imagens como parte do imaginário e, mais ainda, como parte da vida cotidiana: das ideias, dos costumes e dos rituais.

Complementando, Augustín Lacruz e Stumpf (2011, p. 315) afirmam que “[...] cada uma dessas imagens se vincula a uma causa ou a um fim específico”, e esses fins,

segundo as autoras, podem ter viés “religioso, político, ideológico, publicitário, educacional, informacional, ilustrativo, artístico etc., sempre com uma ligação às características sociais, culturais, religiosas e econômicas de cada sociedade ou grupo” (AUGUSTÍN LACRUZ; STUMPF, 2011, p. 315).

Ainda nesse contexto, Elliott e Madio (2012, p. 203) consideram “a fotografia como expressão [...] [pois] testemunha e documenta, por meio das imagens, os registros do cotidiano [...]”. Confirmando, Santos Júnior (2009, p. 8) explica que em toda fotografia há

[...] uma espécie de interrupção do tempo e, portanto, da vida. Tudo o que foi selecionado e capturado pelas lentes do fotógrafo, a partir do instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na forma bidimensional da superfície fotossensível. A cena fotografada, sem antes nem depois, tem o poder de “eternizar” o acontecimento, sem poupar, quem a vê, de um sentimento de ausência. Este descompasso entre a presença e a ausência, entre a distância e a proximidade, entre o reconhecimento e a lembrança do fato ou pessoa fotografada, são alvo das análises de muitos estudiosos da imagem fotográfica. Praticamente, desde a sua descoberta, a misteriosa relação da foto com o passado – o clic, o corte na duração do real – foi motivo de discussões ora intimistas, ora fenomenológicas, ora semióticas, ora históricas, [ora memorialística].

Essas imagens, além da história contada pela reprodução do momento capturado, passaram a produzir suas próprias histórias, repleta de informações, o que ressalta a “[...] importância não só como meio de comunicação, mas como instrumento eficiente para as tarefas de ensino e pesquisa. [...] a imagem transformou-se em informação e conhecimento” (AUGUSTÍN LACRUZ; STUMPF, 2011, p. 313).

Para aprofundar-nos nesses aspectos, é importante que conheçamos um pouco do percurso percorrido pela fotografia desde sua criação – que se deu em um período de significativas transições nos processos de produção em escala mundial, decorrentes da Revolução Industrial –, até sua evolução. Também é de interesse, para melhor explorarmos o tema, entender como as fotografias passaram de simples objetos até chegarem a suportes de armazenamento de memórias.

De acordo com a definição de Augustín Lacruz e Stumpf (2011, p. 316), “fotografia é a técnica de escrever com a luz, conforme a origem grega das palavras foto = luz, grafia = escrita. Conceitualmente, a fotografia representa um fragmento espaço-temporal da realidade, sendo sempre utilizada como forma de representação”.

Segundo Sontag (1981 *apud* SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 5)

Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se em uma certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento – e, por conseguinte, com o poder. [...] A fotografia brinca com a escala do mundo, pode ser reduzida, ampliada, cortada, recortada, consertada e distorcida.

Envelhece ao ser infestada pelas doenças comuns aos objetos feitos de papel; desaparece; valoriza-se, é comprada e vendida; é reproduzida.

De acordo com os estudos de Moreno (2011, p. 3), “[...] a fotografia começou a ganhar reconhecimento no mundo das artes visuais, fazendo com que pintores e artistas plásticos procurassem uma nova forma de expressar suas artes, retratando imagens abstratas e fugindo de pinturas de pessoas, paisagens ou que retratassem a realidade”, uma vez que a fotografia apresentava a vantagem de capturar o momento em tempo real.

O professor Santos Júnior (2009) explica que o surgimento da fotografia ampliou as possibilidades de o homem capturar o tempo e ampliar a sensação de controlá-lo, congelando-o num instante para a eternidade. Contudo, o referido autor narra que, no início, a fotografia era uma prática amadora, longe da escala de produção industrial, quando as primeiras câmaras fabricadas na França e na Inglaterra, por volta de 1840, eram operadas unicamente por seus inventores e por aqueles mais entusiasmados. Sem ser uma atividade profissional, era considerada uma prática gratuita, sem qualquer utilidade social, distante das pretensões ou das normas das academias de belas artes.

Mais recentemente, com o avanço tecnológico, passamos a ter acesso à fotografia digital, que trouxe mudanças no hábito de fotografar, armazenar e ter acesso às imagens produzidas, gerando várias discussões, sendo uma delas a respeito da credibilidade da fotografia como representação da realidade, uma vez que os aparatos tecnológicos permitem uma maior manipulação do conteúdo da imagem, fazendo com que a fotografia digital perca credibilidade no sentido de preservar a memória.

Fotografias podem nos trazer informações de partes significativas do passado, como nos lembra Santos (2014, p. 45), ao afirmar que “a ideia de se registrar e guardar uma quantidade de documentos, como sendo um meio para o não esquecer, para a não perda das memórias e as lembranças, também está presente no ato de fotografar”. A fotografia, nesse contexto, passa a ser considerada como elemento ativador da memória, falando sobre um passado e permitindo revivê-lo no presente, “mesmo não sendo ela pertencente ao indivíduo que a observa, mesmo que não seja ela a rememoração de seu passado” (LE GOFF, 2003, p. 462).

Nessa linha, Cavalcante (2007, p. 198) ressalta que

A memória pode construir importantes acervos historiográficos, retirando da sombra informações ricas em acontecimentos vividos por atores em diferentes segmentos da sociedade como educação, cultura e política. Muitos desses acontecimentos são repassados somente por meio da oralidade, o que pode fazer com que se percam no espaço e no tempo durante a trajetória individual ou social.

Albuquerque (2012, p. 180), nessa perspectiva, acredita que “[...] a memória [...] é seletiva, possui uma dinâmica de natureza biológica e psicológica e dialoga com suportes que ajudem no processo de rememoração. Nesse processo, ela necessita de algum dispositivo para evocar o passado”. Dessa maneira, pessoas, comunidades ou instituições, a fim de manterem suas trajetórias sempre vivas na memória de todos, buscam, em seus acervos, materiais que possam ajudar a recompor essa caminhada, e contam com as fotografias como uma das ferramentas fundamentais na reconstituição dessas lembranças.

Contudo, assim como a memória é seletiva, a fotografia também seleciona fragmentos da realidade e possui aspectos ocultos que devem ser desvendados por meio de seu contexto, já que sua representação não é de todo compreensível para quem não participou do evento retratado (SANTOS, 2014), pois, como afirma Kossoy (2001, p. 152)

[...] apesar de ser a fotografia a própria “memória cristalizada”, sua objetividade reside apenas nas aparências. Ocorre que essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram.

Como visto em Santos (2014), o termo *memória* apresenta vários sentidos e significados, os quais são subdivididos em três categorias, sendo a primeira relacionada com o ato de conservar, recordar e transmitir informações, sentimentos e experiências, bem como sua relação com os processos cognitivos, o que configura a memória humana. A segunda categoria diz respeito ao dispositivo tecnológico como uma memória exterior à memória humana, sendo assim um suporte tecnológico onde serão armazenadas informações. Por fim, a terceira, como a memória social, que é a memória socialmente construída e compartilhada por um grupo, podendo estar institucionalizada e armazenada nas instituições de memória – museus, bibliotecas, arquivos.

Gouveia Junior e Galindo (2012, p. 213) destacam que a memória “[...] não só transmite informação, conhecimento e significações, mas cria significados com os quais o cérebro trabalha”. Sotilo (2006 *apud* SANTOS, 2014, p. 45) diz que “esse sentimento, o esquecimento, sempre esteve presente, e em dada medida sempre atormentou o ser humano, quando tomado por um medo de não registrar e não eternizar sua história, de ter um fim: a morte”. Nesse sentido, Cavalcante (2007, p.183) considera que recorreremos à memória, seja de maneira individual ou coletiva, para recuperarmos momentos vividos, mantermo-nos sempre ligados afetivamente ao passado e para que possamos manter sempre vivas as histórias pessoais ou de uma comunidade.

A memória, enquanto fenômeno social pode ser interpretada, segundo Lima e Santiago (2011, p. 2), “[...] como coletiva, isto é, aquela que faz parte das características de

um grupo de pessoas e que ultrapassa a memória individual e biológica de um indivíduo tornando-se a memória de uma sociedade”. Os autores completam o pensamento valendo-se do conceito de memória como instrumento colaborativo para a construção do conhecimento de um povo, pois “assim, a memória não seria um conhecimento produzido intencionalmente, mas formada subjetivamente, apresentando-se como um meio de transmissão de experiências do passado para o presente. A memória é, portanto, o único meio de rever o passado no presente” (LIMA; SANTIAGO, 2011, p.2).

Por tratar-se de uma operação coletiva dos acontecimentos do passado que se pretende preservar, a memória integra-se

[...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades [...] a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade [...]. Isso significa fornecer um quadro de referências e de pontos de referência (POLLAK, 1989, p.9).

Nessa perspectiva da memória coletiva, Halbwachs (1990) afirma que apoiar-nos na memória de outras pessoas ajuda-nos a lembrar de fatos pessoais. O autor diz ainda que a memória coletiva é construída a partir dos pontos de vista de memórias individuais, e que estes variam de acordo com o cenário. A memória, ainda conforme o autor, apoia-se no passado vivido muito mais do que no passado aprendido pela história escrita, e os fatos dos quais nos lembramos são reconstruções do passado, aliados às informações que obtemos no presente.

A memória coletiva representa as características de uma população ao reunir as histórias individuais e biológicas de cada ator, entretanto, para acontecer, ela precisa da troca de informações proporcionadas pelos movimentos sociais e culturais. Contudo, para Halbwachs (1990), toda memória coletiva tem ligação com algum lugar, e recuperar o passado só é possível quando ele se conserva em meio material.

Gouveia Junior e Galindo (2012, p. 212) acreditam que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade [...], cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]. Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder”.

Para fins desta pesquisa, e dentro do contexto de memória coletiva, ressaltamos a memória institucional, também conhecida como memória corporativa. De acordo com Fontanelli (2005, p. 11), “trabalhar com a memória de uma empresa é trabalhar com as memórias de cada um de seus integrantes que [...] constroem as identidades individuais e a coletiva – imprescindíveis para o desenvolvimento da instituição”. Esse pensamento é

aperfeiçoado com a ideia de Rueda, Freitas e Valls (2011, p. 85), as quais creem que “[...] as empresas perceberam [...] que para seu crescimento, era importante registrar e preservar sua memória”.

O interesse por parte dos acadêmicos em estudar e registrar a memória institucional data da década de 1960, onde se registram a estrutura e a evolução da indústria brasileira, incluindo a relação entre a economia, a ideologia e a estrutura paternalista das instituições. Essas pesquisas influenciaram também no marketing, na gerência dos recursos humanos e na relação das empresas com a comunidade, pois a memória institucional refletia a rotina das instituições, incluindo os erros e acertos das empresas de maneira clara (RUEDA; FREITAS; VALLS, 2011). Essa ação foi útil por também ter sido um meio de prospectar informação para tomada de decisão e geração de novos empreendimentos.

A memória institucional carrega informações que, como afirmam ainda Rueda, Freitas e Valls (2011, p. 78), “[...] retratam não apenas as atividades de uma instituição, mas a época em que está inserida, o tempo e o espaço que ocupa na sociedade, facilitando o entendimento da instituição como um todo”.

Todavia, preservar a memória institucional não é somente resgatar o passado, também é compreender as diferenças e reconhecer os limites de cada período, ter referenciais consistentes para construir o presente e planejar o futuro, descobrir valores, renovar os vínculos e refletir sobre a história, não apenas como quem recorda, mas exercitando uma verdadeira práxis, em que a reflexão e a prática andam lado a lado.

3 METODOLOGIAS DE ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DE ACERVOS FOTOGRÁFICOS

Para que memórias – individuais e coletivas – mantenham-se preservadas e possam ser repassadas, garantindo a manutenção de culturas e histórias das sociedades, é necessário que estejam organizadas e representadas, como visto em Augustín Lacruz e Stumpf (2011, p. 311), quando dizem que “sob a ótica da Ciência da Informação, para ser utilizada, a imagem fotográfica deve ser organizada. Isso requer leitura e análise de seu conteúdo para sua indexação, armazenamento e recuperação.”

Devemos lembrar que as fotografias carregam em si mensagens, porém a informação contida em determinada imagem poderá suscitar diferentes leituras e despertar sensações distintas, dependendo de seu observador, que poderá ter sua interpretação influenciada pela sua cultura ou pela sua experiência de vida, por exemplo. Por isso, “os objetos [...] são ordenados, classificados, interpretados, analisados e divulgados de modo que o público possa construir conhecimento” (PADILHA; CAFÉ, 2014, p. 92).

Por esse motivo, a organização e representação desses materiais pressupõem leituras e interpretações que considerem as intenções do documento, pois

[...] o receptor, ao interpretá-la, será influenciado por suas próprias imagens mentais e por todo o aparato cognitivo, cultural, ideológico, religioso e político que adquiriu durante a vida. Essas influências fazem com que uma mesma fotografia possa sofrer diversos tipos de interpretações quando vista por diferentes receptores (AUGUSTÍN LACRUZ; STUMPF, 2011, p. 320, 321).

Com o objetivo de gerar acesso às informações contidas nos documentos, o processo de organização, através da análise documentária deve considerar, conforme Padilha e Café (2014, p. 94), “a linguagem do documento, do sistema e do usuário” e, segundo Momesso (2014, p. 42), os documentos fotográficos merecem atenção especial nesse processo, pois “[...] por mais que a imagem fotográfica mostre como a coisa foi não é igual ao objeto enfocado, porque resulta de uma seleção, enquadramento, iluminação etc., o referente se faz presente, mas não pode ser confundido com ele”.

Outro obstáculo é apresentado por Paes et al., (2010, p. 3), que lembram que “[...] com a grande produção e disseminação da informação vieram alguns desafios, como o de organizar essas informações para que ela fosse recuperada”. Santos (2014) afirma que é nessa perspectiva de contextualizar as imagens, buscando compreender e desvelar o invisível da imagem fotografada, que se elaboram métodos específicos para o seu tratamento, organização

e representação, de maneira a recuperar seus conteúdos. Assim,

[...] analisar conceitualmente uma imagem fotográfica implica determinar os seus sentidos representativos. Esta análise deve incluir não apenas uma leitura dos seus sentidos denotativo e conotativo, mas também sua composição, assim como as características dos produtores (fotógrafos) e receptores (público a que se destina) (AUGUSTÍN LACRUZ; STUMPFT, 2011, p. 323).

Augustín Lacruz e Stumpf (2011, p. 310) lembram que “a invenção da fotografia permitiu, desde o seu surgimento, uma expansão gradativa na produção e no uso de imagens, primeiramente de forma seletiva e, posteriormente, de maneira massificada, em jornais, revistas e mídias publicitárias”, e, conseqüentemente, “a cada dia que passa os arquivos fotográficos [...] são maiores [...] em empresas e instituições que são obrigadas a organizar seus acervos” (AUGUSTÍN LACRUZ; STUMPF, 2011, p. 313, 314).

As autoras lembram também que a comunicação e a transmissão de informações através do uso das imagens são práticas antigas e importantes na história da humanidade, porém, o uso das novas tecnologias, como a internet, proporcionou a potencialização de seus usos (AUGUSTÍN LACRUZ; STUMPF, 2011). Afirmam ainda que,

[...] o mundo de hoje é eminentemente imagético. A fotografia é o seu representante maior, compondo com a escrita e o som a hipermediação da comunicação extensiva moderna. Por isso, os meios de comunicação tradicionais ou informatizados[...] necessitam de mecanismos que possibilitem, de forma rápida, segura e eficiente, a recuperação de imagens fotográficas [...] (AUGUSTÍN LACRUZ, STUMPF, 2011, p. 328).

Em um acervo imagético, a aplicação de uma análise documentária que represente e facilite o acesso ao seu conteúdo é de fundamental importância, e nessa atividade o profissional da informação atua de maneira substancial, tornando o conteúdo acessível, como acreditam Elliott e Madio (2012).

Desde sempre existiram procedimentos de organização e representação associados ao processo de produção e conservação da informação, pois, só assim, tornava-se possível a recuperação e o uso recorrente da própria informação. Basta ver que os atos de organizar e representar constituem características essencialmente humanas, estando presentes nos nossos dias desde o início de nossas vidas.

Conforme o Dicionário Houaiss (2004), o termo *organizar* significa “dar determinada ordem a”. Todavia, organizamos um acervo ou série de itens para compreendê-lo melhor e poder recuperar objetos informacionais, isto é, informações registradas nos mais variados suportes (textos, imagens, registros sonoros, representações cartográficas e páginas *web*).

Por meio da organização, geramos uma ordem de itens, ou arranjamos itens em um sistema, de forma que possamos encontrá-los e recuperá-los como e quando necessitarmos sem grandes dificuldades. Taylor e Joudrey (2008) apresentam os principais objetivos que envolvem a organização dos objetos informacionais:

- a) Identificar a existência de todos os tipos de recursos informacionais assim que eles estiverem disponíveis;
- b) Identificar trabalhos contidos nestes recursos informacionais ou partes deles;
- c) Agrupar sistematicamente esses recursos informacionais em coleções de bibliotecas, arquivos, museus, arquivos da internet, e outros tipos similares de repositórios;
- d) Oferecer nome, título, assunto e outro acesso útil para esses recursos informacionais;
- e) Oferecer os meios de localização de cada recurso informacional ou uma cópia dele.

Ligado diretamente ao ato de organizar está o de representar. *Representar* significa, segundo Alvarenga (2003), “colocar algo no lugar de”. A representação das coisas é atrelada ao conceito de substituição. Quando representamos, criamos uma relação entre o que se apresenta e o signo, num ato de substituição utilizando elementos simbólicos, tais como: palavras, números, esquemas, figuras etc. (ALVARENGA, 2003).

A organização e representação da informação, conforme expõem Bräscher e Café (2008, p. 5), tem por objetivo “possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação”. Para isso, é preciso realizar a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. Conforme Café e Sales (2010, p. 118), “a descrição física de um objeto informacional se dá pelo processo de catalogação cujo resultado é a representação do suporte físico ou documento. Pode utilizar linguagem específica, normas e formatos que padronizam esse tipo de descrição”.

O uso das normas técnicas e padrões de organização e representação de acervos documentais viabiliza o acesso mais rápido e eficiente à história contada por intermédio de um acervo imagético. Nesse contexto, Madio e Fujita (2008) mostram que o aporte teórico de organização e representação da Ciência da Informação deve ser aplicado em todos os acervos, principalmente nos fotográficos, pois

[...] a fotografia há muito vem sendo usada como documento, mas por ter seu princípio na fixação da realidade, diversidade no seu uso e fragilidade dos suportes, vem sendo tratada como documentação especial ou especializada, muitas vezes separada do restante da documentação, causando danos à sua

identificação e retirando-a de sua produção original (MADIO E FUJITA, 2008, p. 2).

Smit (1996) acredita que, enquanto objeto informacional, a fotografia necessita de uma metodologia própria de descrição para ser caracterizada como informação, uma vez que possui características especiais. A autora ainda acrescenta, em relação às imagens, que “[...] para análise das mesmas não é necessária uma especificidade muito grande, e sim, uma amplitude suficiente para compreendê-las” (SMIT, 1996, p. 32).

Nessa lógica, Padilha e Café (2014) explicam que esse processo de descrição do conteúdo leva o nome de análise documentária, conceituada “como um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo de documentos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação” (CUNHA, 1987, p. 40 *apud* PADILHA; CAFÉ, 2014, p. 94).

Em relação à análise documental, Momesso (2014) acredita que ela seja o resultado de atividades de organização e representação de documentos, portanto, fundamental para a localização e acesso a eles. A autora também observa que, para o sucesso dessas atividades, é preciso que pensemos prioritariamente nas necessidades dos usuários.

Nessa perspectiva, Elliott e Madio (2012, p. 208) reforçam que “a análise documentária [...] facilita a localização ou consulta do acervo analisado, organizando melhor os documentos, em uma determinada área do conhecimento, a partir do conteúdo próprio dos materiais (fotografias)”. Todavia, Augustín Lacruz e Stumpf (2011, p. 314) reafirmam a importância “de sistemas de recuperação de imagens complexos e eficazes, para cujo bom funcionamento se requer uma análise documental completa e com alto grau de qualidade”.

Cavati Sobrinho (2014, p. 15) acredita que “[...] o estudo da organização e representação da informação e do conhecimento se faz necessário [...], pois não se constrói um sistema de informação sem a intenção de torná-lo comunicável e disponível para uso, nem que seja para fins próprios”. O autor complementa que “[...] a finalidade da organização do fluxo de uma determinada informação é construí-lo de forma planejada para permitir sua comunicação e uso por meio da representação de seu conteúdo” (CAVATI SOBRINHO, 2014, p. 15).

Para identificar a mensagem de uma imagem, Panofsky (1979 *apud* Santos, 2014, p. 67) acredita que existem três níveis: “o pré-iconográfico, que é a descrição de elementos constitutivos da imagem [...], o iconográfico, que trata de assuntos específicos e conceitos manifestos [e o] iconológico, que diz respeito a valores simbólicos [...]”. Nesse sentido, para Gardin (1974 *apud* Momesso 2014, p. 43)

[...] apenas as análises pré-iconográficas e iconográficas são atividades de natureza documentária, enquanto a análise iconológica por ser a elaboração de teorias baseadas na análise da imagem, mas cujo objetivo se encontra além da imagem, passa a ser objeto da História ou da Crítica da Arte, Sociologia, Antropologia etc. e por isso não pertinente ao universo documentário.

Para que esses processos resultem em uma análise documentária, precisam unir-se a alguns elementos essenciais para um programa de representação de um acervo fotográfico, foco desta pesquisa, conforme apontam Elliott e Madio (2012), como anotações detalhadas sobre o conteúdo de cada imagem e o resumo, que condensa a informação e estimula o usuário a consultar o acervo completo.

Em razão do elevado número de significados que uma imagem pode representar, a leitura e a análise são, talvez, as tarefas documentais mais importantes, pois a partir delas é que se torna possível garantir ao usuário o acesso e a recuperação da informação que ele necessita (AUGUSTÍN LACRUZ; STUMPF, 2011, p. 311).

Augustín Lacruz e Stumpf (2011, p. 324) consideram que “após a visualização ou leitura da imagem fotográfica, a descrição é o nível mais básico da análise, mas constitui uma fase necessária e indispensável para determinar o conteúdo”. Nesse contexto, dispomos da representação descritiva, “responsável pela construção de sistemas constituídos por conjuntos de elementos interconectados e combinados de formas de representação” (SANTOS, 2013, p. 2), com o objetivo de “recolher os dados básicos da representação, tais como figuras, objetos, espaços etc. e caracterizá-los de forma objetiva para assegurar sua identificação ao nível mais simples possível” (AUGUSTÍN LACRUZ; STUMPF, 2011 p. 324).

Augustín Lacruz e Stumpf (2011, p. 325) lembram que “apesar de sua importância, a análise de conteúdo não é o objetivo final do processo documental. O objetivo da análise é gerar representações documentais que reúnam as principais informações relativas ao conteúdo de cada imagem”. Muitas vezes essa representação é realizada utilizando-se as normas biblioteconômicas que são aplicadas aos registros escritos, o que traz, em si, certa dificuldade, pois eles não podem ser interpretados e analisados enquanto documentos textuais, uma vez que guardam em si especificidades de outra tipologia documental (SANTOS, 2014).

Para que possamos reconstruir essas jornadas de forma precisa, a conservação desse acervo fotográfico também possui importância fundamental, pois um acervo imagético conservado ajuda a reconstruir a memória, “mas deve haver uma associação da conservação com a pesquisa sobre o conteúdo da imagem, sob pena de se colecionar documentos que não exerçam sua função social, ou seja, a da reconstrução da memória”, como observa Marcondes (2002, p. 125).

Corroborando esse pensamento, Mustardo e Kennedy (2011, p. 24) também lembram que os humanos são os maiores responsáveis pelos danos causados às fotografias e apontam, como alguns exemplos: “[...] danos causados por manuseio, falta de cuidado, negligência, acidentes evitáveis, tentativas de conservação desastradas ou mal informadas e até mesmo danos intencionais”. Acrescentam à essa lista, “[...] os casos de superexposição causados por exposições prolongadas, perdas catastróficas devido às péssimas condições de armazenamento e à ocorrência de desastres, sem que haja um plano de emergência satisfatoriamente estabelecido” (MUSTARDO; KENNEDY, 2011, p. 24).

Para evitar esses danos, Pavão (2004, p. 8) acredita que existem passos a serem seguidos para a melhor conservação de um acervo fotográfico, sendo eles os seguintes: “observação e descrição; controle de ambiente; organização; acondicionamento; controle das condições de uso; cópia e duplicação; reparação de peças danificadas e formação de técnicos”.

Diante do exposto, encontramos, no levantamento realizado por meio da literatura científica que aborda a temática da organização e representação de informação imagética, as metodologias de Smit (1996), Manini (2002) e Padilha e Café (2014), que serão descritas a seguir e servirão de base para a aplicação ao acervo imagético do CREMEC.

a) Metodologia de Smit (1996)

A professora Johanna Smit (1996) dedicou-se ao estudo da representação da imagem e defendeu a diferença entre a descrição e a interpretação delas.

Segundo a autora, a grande dificuldade na análise da imagem está na separação entre a denotação (o que a imagem mostra) e a conotação (o que se vê, ou se quer ver na imagem), principalmente porque a operação de tradução do código icônico para o código verbal (a operação denotativa), ou seja, de traduzir em palavras o que a imagem mostra, cria condições para sua interpretação, por isso, a simples presença de legenda ou contexto pode nos desviar para a conotação.

Nessa perspectiva, conforme Smit (1996), a regra básica para a análise da imagem é entender que a imagem é polissêmica por definição. Por esse ângulo, Smit (1996, p. 35) afirma ainda que

[...] dada à polissemia inerente à imagem, e a imprevisibilidade em relação a seu uso, toma-se, ainda, imprescindível desenvolver procedimentos totalmente transparentes para o usuário final, para que este, possuindo

informação sobre os critérios adotados em seu tratamento, tenha condições de usufruir do resultado da representação da imagem, sem ser seu refém.

Essa interpretação levou a autora a apresentar a seguinte proposta para análise das imagens (Quadro 1), bem como exemplo de aplicação (Figura 1), para melhor entendimento do exposto.

Quadro 1 – Proposta de Smit (1996)

CATEGORIA	DEFINIÇÃO GERAL	DE GENÉRICO	DE ESPECÍFICO	SOBRE
QUEM	Identificação do “objeto focado”	Esta imagem é de quem? De que seres?	De quem, especificamente, se trata?	Os seres ou objetos funcionam como símbolos de outros seres ou objetos? Representam a manifestação de uma abstração?
ONDE	Localização da imagem no “espaço”. Onde está a imagem no espaço?	Tipos de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	Nomes de lugares geográficos, arquitetônicos ou cosmográficos	O lugar simboliza um lugar diferente ou mítico? O lugar representa a manifestação de um pensamento abstrato?
QUANDO	Localização da imagem no “tempo”. Tempo linear ou cíclico, datas e períodos específicos e tempos recorrentes	Tempo cíclico	Tempo linear	Raramente utilizado, representa o tempo, a manifestação de uma ideia abstrata ou símbolo?
COMO/ O QUE	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo	Ações e eventos	Eventos individualmente nomeados	Que ideias abstratas (ou emoções) estas ações podem simbolizar.

Fonte: Adaptado de Smit (1996).

Figura 1 – Exemplo de aplicação do Modelo de Smit



Guga e o beijo da conquista em Indianápolis.
<http://www.terra.com.br/esportes/>, 21/8/2000.

Categorias informacionais:

- quem/o que → Guga;
- onde → Indianápolis, EUA;
- quando → 20/8/2000;
- como → beijando troféu.

Categoria	DE		SOBRE
	Genérico	Específico	
Quem/O Que	Homem jovem	Guga	Vitória
Onde		Indianápolis (Estados Unidos)	
Quando		20/8/2000	
Como		Beijando troféu de campeão do torneio de tênis de Indianápolis.	

Fonte: Manini (2002, p. 106-107).

Diante do exposto, compreende-se a representação da imagem, conforme supõe Smit (1996, p. 35), como o refinamento da grade de leitura do conteúdo informacional da imagem fotográfica, através do detalhamento das categorias QUEM, ONDE, QUANDO e O QUE, relacionadas aos níveis DE genérico, DE específico e SOBRE.

No entendimento da autora, a imagem fotográfica deve ser pensada em razão do estatuto da imagem, a utilização da imagem que se baliza pelo conteúdo informacional, e pela sua expressão fotográfica. Uma vez que não é factível traçar uma linha demarcatória clara entre a “forma” e o “conteúdo”, invariavelmente, o conteúdo informacional da imagem (o que ela mostra) deve ser analisado justapondo-se à expressão fotográfica, ou seja, os dados oriundos da geração da imagem fotográfica, tais como angulação, enquadramento, tempo de exposição, presença/ausência de cor, luminosidade, etc. (SMIT, 1996, p. 34).

b) Metodologia de Manini (2002):

Baseada nos trabalhos desenvolvidos por Smit, Manini (2002) propõe um modelo de análise fotográfica baseada na dimensão expressiva das imagens.

A autora apresenta um conjunto referencial de meta-características da imagem fotográfica, não fazendo distinção quanto à fotografia histórica e fotografia artística, mas voltado ao processo de descrição proveniente de estudos na área da Ciência da Informação,

como pode ser observado no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Proposta de Manini (2002)

	Conteúdo informacional		Dimensão Expressiva
	DE		
Categoria	Genérico	Específico	
Quem/O que			
Onde			
Quando			
Como			

Fonte: Manini (2002, p. 105)

Como base na mesma imagem apresentada na Figura 1, onde apresentamos o exemplo do modelo de Smit, aplicaremos o modelo de Manini conforme podemos observar na Figura 2.

Figura 2 – Exemplo de aplicação do Modelo de Manini



Guga e o beijo da conquista em Indianópolis.
<http://www.terra.com.br/esportes/>, 21/8/2000.

	Conteúdo informacional		Dimensão Expressiva
	DE		
Categoria	Genérico	Específico	
Quem/O que	Homem jovem	Guga	Vitória
Onde		Indianópolis (Estados Unidos)	
Quando		20/8/2000	
Como		Beijando troféu de campeão do torneio de tênis de Indianópolis	

Fonte: Manini (2002, p. 107)

Por meio dos exemplos apresentados nas Figuras 1 e 2, podemos comparar os dois modelos e compreender que, diferentemente de Smit (1996), que constituiu seu modelo de análise documentária da imagem sendo a análise do conteúdo informacional somada à análise da expressão fotográfica (a técnica, o enquadramento, o efeito, etc.), Manini (2002) parte da compreensão do que a fotografia expressa e como ela expressa, sendo essas questões o ponto crucial de seu modelo. Ou seja, para a autora, a dimensão expressiva justapõe-se ao conteúdo informacional, geralmente funcionando como um filtro na busca de imagens (MANINI, 2002, p. 154).

c) Metodologia de Padilha e Café (2014):

A ficha documental de Padilha e Café (2014) apresenta uma proposta de descrição de documentos fotográficos baseada nas teorias de Kossoy, Smit e Manini, e nas fichas de catalogação do acervo do Museu da Imagem e do Som do Sul e Sudeste do Brasil, com o objetivo de suprir a necessidade teórica para a descrição desses materiais (MOESSO, 2014, p. 100).

A proposta das autoras é a de estabelecer uma “ferramenta de análise específica que busca a compreensão dos metadados que descrevem as fotografias históricas, no que tange às características informacionais intrínsecas e extrínsecas do objeto museológico” (PADILHA; CAFÉ, 2014, p. 98). Em vista desses padrões, apontamos a ficha documental elaborada pelas autoras no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Ficha documental de Padilha e Café (2014)

1. Identidade do documento + características individuais		2. Informações referentes ao assunto		3. Informações referentes ao fotógrafo		4. Informações referentes à tecnologia	
DE		DE		DE		DE	
Genérico	Específico	Genérico	Específico	Genérico	Específico	Genérico	Específico
Quem/o que <i>Título/Nº de registro</i>	Quem/oque <i>Registrado por/Outros números</i>	Quem/o que <i>Descritores</i>	Quem/o que <i>Descritores onomásticos</i>	Quem/o que <i>Autor</i>	Quem/o que <i>Estúdio</i>	Quem/o que <i>Equipamento utilizado</i>	Quem/o que <i>Suporte físico</i>
Onde <i>Localização</i>	Onde <i>Posição no álbum/série</i>	Onde <i>Local</i>	Onde <i>Descritores geográficos</i>	Onde <i>Local de nascimento</i>	Onde <i>Local de atuação</i>	Onde <i>Fabricação do equipamento</i>	Onde <i>Fabricação do suporte</i>
Quando <i>Data de aquisição</i>	Quando <i>Data de registro</i>	Quando <i>Data</i>	Quando <i>Data das anotações</i>	Quando <i>Período de trabalho do fotógrafo</i>	Quando <i>Data de impressão</i>	Quando <i>Período do equipamento</i>	Quando <i>Período do Suporte físico</i>
Como <i>Procedência</i>	Como <i>Modo de aquisição</i>	Como <i>Anotações</i>	Como <i>Transcrição</i>	Como <i>Característica de estilo</i>	Como <i>Ambiente fotografado</i>	Como <i>Processo fotográfico</i>	Como <i>Natureza do original</i>
Sobre <i>Estado de conservação</i> <i>Ex-proprietário</i> <i>Observações</i>		Sobre <i>Histórico</i> <i>Elementos simbólicos</i> <i>Observações</i>		Sobre <i>Observações</i>		Sobre <i>Formato</i> <i>Cromia</i> <i>Dimensão Física</i> <i>Descrição Física</i> <i>Gênero</i> <i>Observações</i>	
Dimensão expressiva <i>Exposições</i> <i>Publicações</i> <i>Intervenções</i> <i>Autorização de uso</i>		Dimensão expressiva <i>Referência bibliográfica</i>		Dimensão expressiva <i>Objetos associados</i>		Dimensão expressiva <i>Técnica</i>	

Fonte: Padilha e Café (2014, p. 100)

O modelo proposto pelas autoras foi pautado nas características das imagens, configurando-se em uma representação descrita imagética. Segundo Padilha e Café (2014, p. 108), o conjunto de metadados apresenta-se como uma sugestão para que as instituições repensem suas formas de descrever a fotografia histórica salvaguardada em museus, pensando em facilitar o acesso e a recuperação da informação pelos pesquisadores que buscam no acervo da instituição sua fonte de informação.

Tendo como base os modelos de análise documental propostos pelas autoras acima citadas – e partindo do princípio de que a busca pelos materiais disponíveis no acervo fotográfico do CREMEC é feita primordialmente por eventos realizados na/pela instituição, seguida da busca por pessoas e ano –, achou-se pertinente adequar esses modelos para que representassem o material priorizando esses campos de busca, a fim de potencializar a recuperação da informação.

Apresentamos no Quadro 4 o modelo elaborado para a análise documental do acervo imagético do CREMEC.

Quadro 4 –Proposta de análise documental para acervo imagético do CREMEC

CATEGORIAS		REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
O QUE	De genérico	
	De específico	
ONDE	De genérico	
	De específico	
QUEM	De genérico	
	De específico	
QUANDO	De genérico	
	De específico	
CONTEXTO:		

Fonte: Desenvolvido pela autora (2017).

A escolha das categorias seguiu, então, a ordem de prioridade das buscas. A classe *o que* visa descrever o evento apresentado na imagem, sendo complementada pela classe *onde*, suprimindo a primeira demanda de interesses dos usuários na hora da busca. A categoria *quem* visa preencher a segunda demanda de buscas, seguida pela categoria *quando*, último item procurado pelos usuários.

A variável *de genérico* contextualizará a imagem quando não houver informação suficiente sobre a mesma, pois descreverá o conteúdo que conseguirmos extrair a partir da simples observação. A variante *de específico* mostrará precisamente o conteúdo da fotografia. Também inserimos a categoria *contexto* a fim de descrever o momento em que a fotografia foi tirada, tendo em vista a importância dessa informação para o resgate da memória institucional.

A elaboração desse modelo de análise tem por objetivo trazer melhorias para a análise documentária, indexação e catalogação das imagens fotográficas que compõem o acervo do CREMEC, na medida em que fornece uma síntese das principais informações do que representa sua memória institucional, visando influenciar positivamente na experiência que os usuários terão na busca e recuperação contidas nessas imagens.

4 METODOLOGIA

É pertinente para o campo da Biblioteconomia, bem como para a Ciência da Informação, que se mantenham atualizados os estudos referentes às contribuições dos métodos de organização e representação da informação para acervos fotográficos. Para que a presente pesquisa, abordando essa temática, pudesse desenvolver-se, a fim de resolver as questões levantadas, e analisar como as metodologias de organização e representação da informação podem contribuir para o tratamento adequado dos recursos imagéticos do acervo do CREMEC, possibilitando a reconstrução da sua memória institucional, alguns percursos metodológicos foram necessários.

Entende-se por pesquisa “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p. 17). As pesquisas podem ser realizadas, entre outros fatores, por razões de ordem prática que “decorrem do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz” (GIL, 2002, p. 17). Gil (2002, p. 17) afirma ainda que “[...] a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados”.

Andrade (2005, p. 123) acredita que “os tipos de pesquisa podem ser classificados de várias formas, por critérios que variam segundo diferentes enfoques”. Limitaremos a classificação dessa pesquisa quanto aos seus procedimentos, objeto, natureza e objetivos, pois esses critérios, de acordo com Andrade (2005, p. 123), cumprem a finalidade de oferecer noções introdutórias, sendo suficiente para a classificação da pesquisa.

Considerando seus procedimentos e objeto, foram realizadas pesquisas bibliográficas que contribuíram para a construção do referencial teórico acerca do tema abordado pelo estudo e para atender ao primeiro objetivo específico proposto na introdução desse trabalho. Segundo Parra Filho e Santos (1998, p. 7), “qualquer que seja o campo pesquisado, sempre será necessária uma pesquisa bibliográfica, para se ter um conhecimento prévio do estágio em que se encontra o assunto”. Dessa maneira, os estudos foram realizados com base em pesquisas em livros, artigos científicos e bases de dados, encontrados em meio físico ou eletrônico.

À luz dos objetivos, esta pesquisa configura-se como descritiva, pois houve descrição dos aspectos teóricos da fotografia, da memória e das metodologias de organização e representação da informação do acervo fotográfico do CREMEC, “sem interferência do pesquisador”, assim como acrescenta Andrade (2005, p. 124).

Ainda em relação aos objetivos, a pesquisa realizada também possui caráter exploratório, uma vez que houve desenvolvimento e esclarecimento de conceitos e ideias, que permitirão pesquisas posteriores (GIL, 2002, p. 131). De acordo com Andrade (2005, p. 124), a pesquisa exploratória “é o primeiro passo de todo trabalho científico”.

Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 63 *apud* GIL, 2002, p. 41).

Tendo como base a natureza da pesquisa, o estudo realizado foi de caráter qualitativo, à vista dos instrumentos utilizados para coleta de dados e do direcionamento dado à pesquisa.

Para que os propósitos da pesquisa fossem alcançados, adotamos como cenário a biblioteca do CREMEC, que abriga um vasto acervo fotográfico, construído ao longo dos quase 60 anos de história da instituição, totalizando, em sua coleção, cerca de 3.500 fotografias, tendo como suporte o impresso, negativos e imagens digitais (CD's e DVD's), apresentando, em sua maioria, ótimo estado de conservação.

A fim de conhecer a história do CREMEC desde seu princípio e, dessa maneira, pensar também no futuro da instituição, achou-se pertinente resgatar seu passado através de seu acervo de fotografias. Acreditamos que esse resgate proporcionará uma valorização do papel desenvolvido pelo CREMEC em relação à sociedade, mostrando ao público a trajetória da instituição e os registros e memórias de seus colaboradores.

Para tanto, é necessário que metodologias de organização e representação imagética reúnam, registrem, classifiquem e descrevam esses conteúdos de forma a processar os conjuntos documentais produzidos e acumulados pela instituição, com o propósito de viabilizar o acesso às suas informações.

Por tratar-se de uma grande quantidade de material, e por dispormos de um curto período de tempo para a conclusão da análise, trabalhamos com uma seleção de cinco fotografias, escolhidas aleatoriamente, por acreditarmos ser suficiente para a qualidade da análise dos dados. Gil (2002, p. 121) recorda que “de modo geral, os levantamentos abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade. Por essa razão, o mais frequente é trabalhar com uma amostra [...]”.

Para a coleta de dados, utilizamos, inicialmente, os métodos de observação, pois “o estabelecimento assistemático de relações entre os fatos no dia a dia é que fornece os indícios para a solução dos problemas propostos pela ciência” (GIL, 2002, p. 35). Também nos valem da aplicação de um formulário de pesquisa que foi preenchido pela própria

pesquisadora e serviu de suporte para a técnica de observação adotada. Por fim, empregamos a entrevista semiestruturada, com o objetivo de identificarmos o tratamento mais adequado a ser proposto para o acervo.

O formulário usado na pesquisa encontra-se no APÊNDICE A e apresenta cinco grupos de perguntas, sendo o primeiro grupo relacionado às questões sobre formatos e dimensões; o segundo refere-se às formas de acondicionamento; o terceiro diz respeito ao mobiliário; o quarto grupo aborda as questões relativas à localização do acervo e o último, refere-se às características de deterioração do acervo.

Para a entrevista semiestruturada foi elaborado um roteiro, disponível no APÊNDICE B desta pesquisa, o qual foi realizado com a bibliotecária do CREMEC. O mesmo contava com um total de dezesseis questões abertas e tinha o propósito de esclarecer questões não contempladas no formulário e pela observação.

Os resultados foram analisados de maneira qualitativa, que se constitui em “uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (GIL, 2002, p. 133).

De posse desses dados, juntamente com a compilação das referências encontradas na literatura, por meio do levantamento bibliográfico e descritas no capítulo 3, apresentamos um roteiro de descrição voltado às fotografias, tendo em vista o tratamento adequado do acervo imagético do CREMEC, possibilitando a reconstrução de sua memória institucional para solucionar a problemática estabelecida.

5 A REPRESENTAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO CREMEC: DESENVOLVIMENTO EMPÍRICO DA PESQUISA E RESULTADOS

Com interesse em descrever e interpretar os dados colhidos e, dessa maneira, buscar soluções para os objetivos propostos, pautamo-nos na pesquisa de base bibliográfica, através da qual foi possível conhecer o que se tem publicado acerca do tema estudado. O levantamento bibliográfico foi feito em várias fontes, em meio impresso e eletrônico.

Buscando compreender como se encontra e de que forma foi montado o acervo do CREMEC, elaboramos formulário de pesquisa e roteiro de entrevista semiestruturada, os quais foram aplicados à bibliotecária responsável pela biblioteca e respondidos com mediação da pesquisadora.

As seguintes categorias de análise foram estabelecidas para o formulário, com o objetivo de conhecer o acervo fotográfico do CREMEC, em relação aos seguintes aspectos:

- a) Formatos e dimensões: examina os formatos e tamanhos das fotografias que compõem o acervo;
- b) Formas de acondicionamento: pretende-se identificar, com essas perguntas, as formas e os suportes de armazenamento das fotografias;
- c) Mobiliário: visa identificar os suportes de armazenamento das fotografias e os mobiliários em que são acondicionadas;
- d) Localização do acervo: busca conhecer a localização das instalações físicas onde se encontra armazenado o acervo, bem como seus arredores e
- e) Características de deterioração: diz respeito às formas de deterioração a que o material fotográfico do acervo possa estar exposto.

Em relação à entrevista semiestruturada, as temáticas abordadas visaram um maior aprofundamento das questões tratadas no formulário, além de explorar novas temáticas, como as técnicas de conservação aplicadas ao acervo, e perfil e frequência do público pesquisador das fotografias.

O acervo imagético cresce continuamente e contempla desde a fundação do CREMEC, em 1959. Foi analisada a totalidade do acervo fotográfico do CREMEC, composta por peças nos formatos digital, negativos e positivos, com dimensões que variam entre 9x12cm, 13x18cm e 8x24cm.

Os resultados alcançados após a aplicação dos instrumentos apontaram que as fotografias do CREMEC, atualmente, encontram-se na biblioteca da instituição, que se localiza próximo a grandes edifícios.

As fotografias estão acondicionadas sob temperatura média de 24°C, dispostas em sacos plásticos ou em pequenos álbuns, arrumados em pastas suspensas, envelopes ou jaquetas de poliéster, armazenadas em um armário modelo “arquivo de aço” com quatro gavetas, mantidos na biblioteca da instituição, conforme observamos nas Figuras 3 e 4.

Figura 3 – Armário



Fonte: Produzido pela autora

Figura 4 – Pastas suspensas

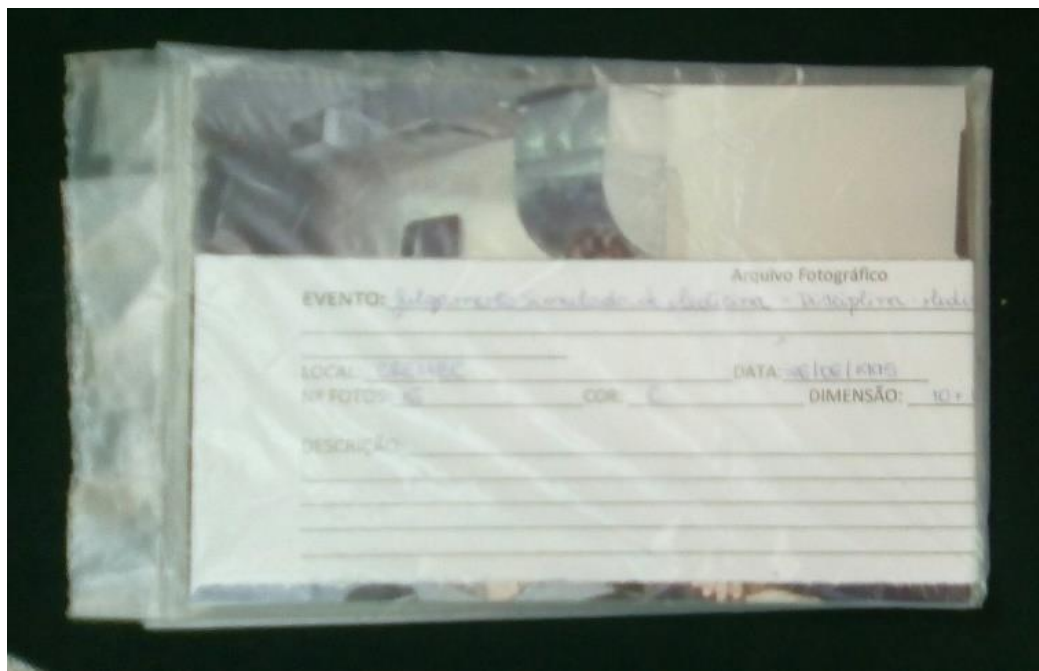


Fonte: Produzido pela autora.

As imagens arquivadas são ordenadas primeiramente por eventos e, em seguida, pela ordem cronológica, pois as buscas são comumente realizadas por evento ou pessoa, ficando a busca por ano como elemento secundário.

Cada imagem é identificada por ficha impressa em papel, acomodada nos sacos plásticos ou nos álbuns, com as seguintes informações: evento; local; número de fotos por dossiê; data; dimensão; cor e descrição. Esse fato mostra que os produtores e organizadores do acervo preocuparam-se em registrar informações básicas, apresentadas na imagem abaixo.

Figura 5 – Sacos plásticos



Fonte: Produzido pela autora

O acervo fotográfico do CREMEC raramente é consultado, em média uma vez a cada seis meses, sendo o perfil dos pesquisadores formado pelos conselheiros da instituição e médicos em geral. Atualmente, o acervo é cuidado por três pessoas, a saber: uma bibliotecária e dois estagiários de Biblioteconomia.

Algumas questões que merecem ser trabalhadas foram percebidas, como o fato de as fotografias serem armazenadas em um mesmo envelope. Os cuidados tomados no manuseio dos documentos fotográficos se resumem ao acesso com as mãos limpas e secas e não existe trabalho de conservação em andamento no momento.

Também se constatou que ainda não há uma política de reprodução e duplicação de fotografias ou política de controle de acesso aos originais; também não existe uma política de enfrentamento de desastres como incêndios, inundações, vandalismo, etc., tendo como

controle apenas o acesso limitado e monitorado fisicamente ao acervo, não possuindo, também, sistemas de alarme e de combate a incêndios.

Não existem problemas de goteiras, porém a umidade relativa e a temperatura não são controladas e as condições ambientais não são monitoradas nem registradas. A limpeza do espaço é feita de forma manual e a iluminação é feita através de lâmpadas fosforescentes.

A identificação das fotografias do acervo é feita de forma manual e podemos citar, dentre as dificuldades encontradas ao realizar este trabalho, a ausência de um catálogo que descreva individualmente os materiais contidos na coleção, pois as informações registradas abrangem o conjunto de fotografias que compõe determinados eventos.

Identificamos também a inexistência de um vocabulário controlado para traduzir os conceitos extraídos da análise fotográfica em linguagem natural para uma linguagem documentária; e descontinuidade do processo aplicado para a indexação dessas imagens, por não existir uma política de indexação, resultando em uma baixa capacidade de recuperação das informações ao realizar-se uma busca.

As imagens são organizadas utilizando-se o critério de organicidade, não possuindo identificações individuais para cada item do acervo, e as fotografias digitais são gravadas em CD's e DVD's ou impressas sem nenhum critério, resultando no fato de que a descrição adotada atualmente não possibilita que a memória da instituição seja reconstruída por não representar individualmente cada item do acervo.

A identificação e registro do conteúdo informacional das imagens proporcionará a organização e recuperação da informação relativas à memória da instituição, que se materializará na representação das histórias de dirigentes e colaboradores, bem como nas transformações da instituição do ponto de vista histórico, formando um acervo de memória e contribuindo para a pesquisa histórica sobre a instituição.

Com o propósito de atender às demandas citadas acima, observamos a importância de identificar os dados das imagens e construir um roteiro de descrição individual, incluindo seus personagens, local, data e conteúdo informacional. Para esse fim, decidimo-nos pela proposta de um modelo de análise documental baseado nos modelos de Smit (1996), Manini (2002) e Padilha e Café (2014), como mencionado no capítulo 2.

Optamos por abordar as questões *o que, onde, quem, quando* e *contexto* com os desdobramentos *de genérico* e *de específico*, por acreditarmos que, com as respostas dessas indagações, extrairemos do material as questões mais importantes relativas à representação no que diz respeito à análise da imagem, levando em consideração os itens mais pesquisados pelos usuários ao efetuarem uma busca no acervo, possibilitando uma recuperação da

informação efetiva.

Smit afirma (1989, p. 109), que se a descrição responde às perguntas QUEM (seres vivos), ONDE (ambiente), QUANDO (tempo), ONDE (espaço), O QUE (ação) e COMO (técnica), podemos supor que nenhum detalhe realmente importante tenha sido esquecido. A autora sugere que, como medida para evitar o excesso, apenas o primeiro plano da fotografia seja descrito, citando o segundo plano apenas se o mesmo modificar completamente a leitura do primeiro plano, medida que utilizaremos afim de otimizar nosso trabalho (SMIT, 1989, p. 110).

Os quadros apresentados a seguir, que foram preenchidos com as informações colhidas da análise das fotografias, visam representar o conteúdo das imagens selecionadas para a amostra.

Figura 6 – Fotografia 1: Solenidade de entrega de certificado de especialidade



Fonte: Acervo CREMEC

Quadro 5 – Análise da Fotografia 1

CATEGORIAS		REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
O QUE	De genérico	Solenidade.
	De específico	Solenidade de entrega de certificado de especialidade.
ONDE	De genérico	Primeira sede do CREMEC.
	De específico	Rua Barão do Rio Branco, 1071 – Sala 1102 – 1129, Centro, Fortaleza – CE.
QUEM	De genérico	Funcionários do CREMEC.
	De específico	Frederico Jorge Brito, Ezeuda do Vale e Fátima Sampaio.
QUANDO	De genérico	Década de 1980.
	De específico	1982.
CONTEXTO: Primeiros colaboradores do CREMEC trabalhando.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Figura 7 – Fotografia 2: Confraternização de páscoa



Fonte: Acervo CREMEC

Quadro 6 – Análise da Fotografia 2

CATEGORIAS		REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
O QUE	De genérico	Confraternização.
	De específico	Confraternização de páscoa.
ONDE	De genérico	Segunda sede do CREMEC.
	De específico	Rua Floriano Peixoto, 20, Centro, Fortaleza – CE.
QUEM	De genérico	Funcionários e estagiários do CREMEC.
	De específico	Bruno Mota, Fátima Sampaio, Frederico Jorge Brito, Luciana Capelo, Regina Holanda, André Seledônio, Catarina Labouré, Sueli Lima e Wedno Ribeiro.
QUANDO	De genérico	1998.
	De específico	Abril de 1998.
CONTEXTO: Confraternização de páscoa entre servidores e estagiários do CREMEC.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Figura 8 – Fotografia 3: Posse da gestão de conselheiros 2013-2018



Fonte: Acervo CREMEC

Quadro 7 – Análise da Fotografia 3

CATEGORIAS		REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
O QUE	De genérico	Cerimônia de posse.
	De específico	Cerimônia de posse da nova gestão de diretoria e conselheiros do CREMEC para o quinquênio 2013-2018.
ONDE	De genérico	Auditório Castelo Branco.
	De específico	Reitoria da UFC. Av. da Universidade, 2853 - Benfica, Fortaleza – CE.
QUEM	De genérico	Diretoria e conselheiros do CREMEC.
	De específico	Francisco de Assis Almeida Cabral, Rafael Dias Marques Nogueira, Flávio Lúcio Pontes Ibiapina, Alberto Farias Filho, José Málbio Oliveira Rolim, Stela Norma Benevides Castelo, Renato Evando Moreira Filho, Ivan de Araújo Moura Fé, José Ajax Nogueira Queiroz, Valeria Goes Ferreira Pinheiro, Francisco Alequy de Vasconcellos Filho, Maria Neodan Tavares Rodrigues, Helvécio Neves Feitosa, João Nelson Lisboa de Melo, Lúcio Flávio Gonzaga Silva, Inês Tavares Vale e Melo, Helly Pinheiro Ellery, Jose Wygens Parente, José Carlos Figueiredo Martins, Érico Antonio Gomes de Arruda, Roger Murilo Ribeiro Soares, Regina Lúcia Portela Diniz, Régis Moreira Conrado, Régia Maria do Socorro Vidal do Patrocínio, Ricardo Maria Nobre Othon Sidou, Carmelo Silveira Carneiro Leão Filho e Roberto Wagner Bezerra de Araújo.
QUANDO	De genérico	2013.
	De específico	17 de outubro de 2013.
CONTEXTO: Corpo de conselheiros no ato de posse festiva para a gestão 2013 – 2018.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Figura 9 – Fotografia 4: Antiga sede do CREMEC



Fonte: Acervo CREMEC

Quadro 8 – Análise da Fotografia 4

CATEGORIAS		REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
O QUE	De genérico	Fachada de prédio.
	De específico	Fachada da antiga sede do CREMEC.
ONDE	De genérico	Segunda sede do CREMEC.
	De específico	Rua Floriano Peixoto, 20, Centro, Fortaleza – CE.
QUEM	De genérico	Prédio próprio do CREMEC.
	De específico	Projetado por Angela Maria Carvalho.
QUANDO	De genérico	Década de 2000.
	De específico	[2000-2016].
CONTEXTO:		
Sede própria do CREMEC que funcionou de 1992 a 2016.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Figura 10 – Fotografia 5: Atual sede do CREMEC



Fonte: Acervo CREMEC

Quadro 9 – Análise da Fotografia 5

CATEGORIAS		REPRESENTAÇÃO DO CONTEÚDO DAS IMAGENS
O QUE	De genérico	Fachada de prédio.
	De específico	Fachada da nova sede do CREMEC iluminada no dia de sua inauguração.
ONDE	De genérico	Atual sede do CREMEC.
	De específico	Av. Antônio Sales, 485, Joaquim Távora, Fortaleza – CE.
QUEM	De genérico	Prédio próprio do CREMEC.
	De específico	Projetado por Expedido Deusdará e Sérgio Fontes Junior. Construtora e Inc. Exata Ltda.
QUANDO	De genérico	2016.
	De específico	09 de novembro de 2016.
CONTEXTO: Prédio do CREMEC iluminado para festividade de inauguração da atual sede.		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

6 CONCLUSÃO

Buscamos, com este estudo, compreender como as metodologias de organização e representação da informação podem contribuir para o tratamento adequado dos recursos imagéticos do acervo do CREMEC, possibilitando a reconstrução da sua memória institucional. Assim, verificamos, através da metodologia adotada, que a mera junção desse material em locais de guarda não é suficiente para que toda a informação e toda a história em potencial contida em cada registro atendam às necessidades dos usuários, sendo de fundamental importância que gestores de acervos imagéticos lancem mão de ferramentas de análise documental e representação da informação das fotografias para a realização do tratamento adequado, com o objetivo de facilitar a recuperação dessas informações.

A partir de revisão de literatura, pudemos conhecer as correntes teóricas no tocante ao primeiro objetivo específico estabelecido para o desenvolvimento da pesquisa, que foi o de investigar, na literatura científica, os aspectos teóricos da fotografia e da memória, bem como as metodologias de organização e representação de documentos imagéticos.

Por meio da observação e da aplicação de instrumentos de coleta de dados, procuramos atender ao segundo objetivo específico, que determinou averiguar as condições de conservação e preservação do acervo de fotografias do CREMEC. Verificamos, por meios das questões e da observação realizada, os formatos e dimensões, formas de acondicionamento, mobiliário, localização e características de deterioração do acervo, além de informações relacionadas ao processo de recuperação da informação.

Considerando o diagnóstico documental como levantamento de dados sobre a disposição de materiais, que vai desde a identificação de seu caráter funcional na instituição, às questões de caráter técnico, tais como arranjo, classificação, estado de conservação, descrição, tipologia documental, armazenamento, ambientação, espaço físico ocupado e a análise desses dados, propôs-se documentar a realidade atual do acervo para posteriores atividades de manutenção.

Partindo da análise dos dados apresentados anteriormente, e com o objetivo de contribuir com o desempenho e desenvolvimento da instituição, foi indispensável que apontássemos alguns métodos para a melhoria dos serviços prestados com base na gestão documental, pois, se antes procurávamos pelos registros para que pudéssemos tratá-los e preservá-los, hoje esses documentos chegam-nos aos montes, cabendo ao profissional desenvolver trabalho consistente e criterioso em sua seleção, tratamento e preservação.

Em relação ao terceiro objetivo específico, que foi o de apresentar, com base nas

metodologias estudadas, um roteiro de descrição a ser aplicado às fotografias do acervo histórico do CREMEC, visando atender às necessidades da instituição, propusemos um roteiro baseado nos trabalhos de Smit (1996), Manini (2002) e Padilha e Café (2014).

Procuramos suprir a demanda de busca dos usuários, que é realizada de maneira mais relevante pelos eventos relacionados ao CREMEC, consecutivamente, por personagens e, finalmente, por ordem cronológica. Para esse fim, propusemos um modelo que representasse o material, priorizando esses campos de busca, com o objetivo de potencializar a recuperação da informação e representar cada item do acervo individualmente.

A escolha das categorias usadas na descrição foi *o que, onde, quem e quando*, seguindo a ordem de prioridade das buscas, complementadas pelas variáveis *de genérico e de específico*. Para atender ao propósito de resgatar a memória institucional do CREMEC, utilizamos a categoria *contexto*, visando descrever a conjuntura da instituição na época em que cada fotografia do acervo foi criada.

Consideramos atendidos os objetivos propostos através da metodologia adotada, e após análise do material e diagnóstico embasado pelo referencial teórico estudado, constatou-se que já foi iniciado, e vem-se mantendo, um trabalho de captação, identificação, guarda e conservação do material fotográfico produzido pelo CREMEC, porém algumas medidas podem ser tomadas a fim de aperfeiçoar o trabalho previamente posto em prática.

Como sugestão para trabalhos futuros, deixamos a proposta de que o trabalho iniciado seja desenvolvido através de pesquisas e práticas que visem o aprofundamento da categoria *contexto* da ficha documental, uma vez que esse item requer um tempo maior dedicado à coleta de dados para o preenchimento da mesma.

Observou-se que a fotografia funciona como um instrumento poderoso de memória e conservação de fatos históricos na medida em que contém, intrínseca e extrinsecamente, informações que remetem a um passado que, de outra forma, não poderia ter sido documentado e, portanto, não haveria com o que visualizar de forma tão vívida eventos tão remotos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. **A classificação de documentos fotográficos**: um estudo em arquivos, bibliotecas e museus. 2012. 287 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.
- ALVARENGA, Lídia. Representação do conhecimento na perspectiva da ciência da informação em tempo e espaço digitais. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 8, n. 15, p. 18-40, 2003.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalho na graduação. 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2005.
- AUGUSTÍN LACRUZ, Maria del Carmen; STUMPF, Katiusa. Imagem fotográfica: processo de leitura e análise documental. In: BONI, Paulo Cesar (Org.). **Fotografia**: múltiplos olhares. – Londrina: Midiograf, 2011. p. 309-330.
- BRÄSCHER, Marisa; CAFÉ, Lígia. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DA PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.
- CAFÉ, Lígia Maria Arruda; SALES, Rodrigo de. Organização da informação: conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (Org.). **Passeios pelo bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. Cap. 6, p. 115-119.
- CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Memória, Informação e Acervo. In: BENTES PINTO, Virgínia; CAVALCANTE, Lídia Eugênia; SILVA NETO, Casemiro (Org.). **Ciência da Informação**: Abordagens transdisciplinares gêneses e aplicações. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 183-200.
- CAVATI SOBRINHO, Heliomar. **A representação documentária do domínio da Economia**: análise de estruturas de representação em linguagens documentárias e documentos específicos de economia. 2014. 149 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014.
- ELLIOTT, Ariluci Goes; MADIO, Telma Campanha de Carvalho. Análise documentária de fotografias: um referencial teórico. In: CAVALCANTE, Lídia Eugênia; BENTES PINTO, Virgínia; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregório (Org.). **Ciência da informação e contemporaneidade**: tessituras e olhares. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 201-219.
- FONTANELLI, Silvana Aparecida. **Centro de memória e ciência da informação**: uma interação necessária. 2005. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOUVEIA JUNIOR, Mario; GALINDO, Marcos. Sistemas memoriais como disseminadores de informação. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n.3, p. 207-217, set/dez. 2012.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª. ed. São Paulo, Objetiva, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, José Aniceto de; SANTIAGO, Pietro Otávio. **Preservação da memória**: resgatando vestígios históricos e culturais do município de Frei Miguelinho – PE. In: Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação, 14, **Anais...**, Frei Miguelino, PE, 2011, 9 p.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Importância da gênese documental para identificação de acervos fotográficos. **Ibersid**, v. 2, p. 251-261, 2008.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. 226 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARCONDES, Marli. A importância da conservação fotográfica na reconstrução da memória. **Revista de Educação do Cogeime**, São Paulo, ano 11, n. 20, p. 121-125, jun. 2002.

MOMESSO, Ana Carolina. **Organização e representação de registros fotográficos em acervos de memória**: proposta para a coleção do 67º Grupo Escoteiro Hongwanji. 2014. 68 f. Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Pulo, 2014.

MORAIS, Natanna Santana de. **Vivo se vê, vivo se lê**: a representação indexal de fotografias como ferramenta de preservação da memória coletiva. 2015. 86 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Biblioteconomia, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015

MORENO, Josyane. **Fotografia e História: a preservação da memória na era digital**. VIII Semana de Humanidades UFC/UECE e II Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação em Humanidades, 2011, Fortaleza - CE. **Anais...** 8. Semana de Humanidades, 2011.

MUSTARDO, Peter; KENNEDY, Nora. Preservação de fotografias: métodos básicos para salvar sua coleção. In: **Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos**, Rio de Janeiro, 2. ed., n.39, 2011.

PAES, Denyse Maria Borges, *et al.* A representação informacional de acervos fotográficos: a reconstrução dos sentidos através da utilização de softwares. **Biblionline**, João Pessoa, n. esp., p. 63-70, 2010.

PADILHA, Renata Cardozo; CAFÉ, Lígia Maria Arruda. Organização de acervo histórico: proposta de descrição. **InCID: R. Ci. Inf. E Doc.**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 90-111, mar./ago. 2014.

PARRA FILHO, Domingos; SANTOS, João Almeida. **Metodologia Científica**. São Paulo: Futura, 1998.

PAVÃO, Luís. Conservação de fotografia: o essencial. In: **Cadernos técnicos de conservação fotográfica**, Rio de Janeiro: Funart, n. 3, 3. ed., 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos históricos**, v.2, n.3, p.3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 20 out. 2017.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline de; VALLS, Valéria Martins. Memória institucional: uma revisão de literatura. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n.1, p. 78-89, abr. 2011.

SANTOS, Ana Claudia de Araújo. **Aspectos memoriais existentes nos retratos dos reitores da Universidade do Recife/Federal de Pernambuco (1946 –1971)**. 2014. 271 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

SANTOS JUNIOR, Natalício. Batista. Fotografia e memória: Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. **Revista Belas Artes**, v. 1, p. 1-17, 2009.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. Catalogação, formas de representação e construções mentais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/14162>>. Acesso em: 04 Out. 2017.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **Análise documentária: a análise da síntese**. 2. ed. Brasília: IBICT, 1989.

SMIT, Johanna Wilhelmina. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, jul./dez. 1996.

TAYLOR, Arlene G.; JOUDREY, Daniel N. **The Organization of Information**. 2. ed. London: Libraries Limited. 2008.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE PESQUISA

COLEÇÃO: _____

Nº DE PEÇAS DO ACERVO: _____

RESPONSÁVEL PELO ACERVO: _____

1. FORMATOS E DIMENSÕES

- | | |
|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Negativos | <input type="checkbox"/> Formato 13x18 |
| <input type="checkbox"/> Digitais | <input type="checkbox"/> Formato 18x24 |
| <input type="checkbox"/> Formato 9x12 | <input type="checkbox"/> Outros. Quais: |

2. FORMAS DE ACONDICIONAMENTO

- Fotos avulsas sem suporte
- Fotos em álbuns
- Fotos em caixas
- Fotos em pastas suspensas
- Fotos em protetores/envelopes individuais
- Fotos agrupadas em um mesmo envelope
- Fotos em jaquetas de poliéster
- Outros. Quais:

3. MOBILIÁRIO

- Suportes armazenados em estantes
- Suportes armazenados em armários
- Suportes armazenados em fichários
- Suportes armazenados em caixas arquivo
- Outros. Quantidade:

4. LOCALIZAÇÃO DO ACERVO

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Próximo a grandes edifícios | <input type="checkbox"/> Próximo a estacionamentos |
| <input type="checkbox"/> Próximo a fábricas | <input type="checkbox"/> Próximo a paredes que recebem calor |
| <input type="checkbox"/> Próximo a paredes com tubulações | <input type="checkbox"/> A sala possui muitas janelas |

5. CARACTERÍSTICAS DE DETERIORAÇÃO

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Sujidades | <input type="checkbox"/> Suporte quebradiço |
| <input type="checkbox"/> Perfurações | <input type="checkbox"/> Perdas de emulsão |
| <input type="checkbox"/> Ondulações | <input type="checkbox"/> Rasgos |
| <input type="checkbox"/> Abrasões | <input type="checkbox"/> Excremento de inseto |
| <input type="checkbox"/> Manchas | <input type="checkbox"/> Esmacimento |
| <input type="checkbox"/> Fraturas | <input type="checkbox"/> Perda de suporte |
| <input type="checkbox"/> Ataques de fungos | <input type="checkbox"/> Outros. Quais: |

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Existe algum trabalho de conservação em andamento? Se sim, qual?
2. Existe alguma política de reprodução e duplicação fotográficas? Se sim, qual?
3. Com que frequência o acervo é consultado?
4. Qual é o perfil dos pesquisadores?
5. Quais são os cuidados tomados no manuseio dos documentos fotográficos?
6. Quantas pessoas cuidam do acervo?
7. Existe alguma política de controle de acesso aos originais? Se sim, qual?
8. A umidade relativa e a temperatura são controladas? Se sim, como?
9. As condições ambientais são monitoradas e registradas? Se sim, como?
10. Existe alguma rotina de limpeza e controle do ambiente? Se sim, qual?
11. Qual é o tipo de iluminação existente?
12. Existe alguma política para enfrentar desastres (incêndios, inundações, vandalismo, etc.)? Se sim, qual?
13. Existem sistemas de alarme e de combate a incêndios? Se sim, quais?
14. Existem sinais de infestação de insetos?
15. Existem problemas de goteiras?
16. Outras observações: